

REVISTA RECORTE

Revista do Mestrado em Letras: Linguagem, Discurso e Cultura

ISSN 1807-8591

SE UM INTERNAUTA NUMA NOITE DE INVERNO...

Marcelino Rodrigues da Silva

UFMG

ABSTRACT: This paper is based on the novel *If on a winter's night a traveler*, by Italo Calvino, in order to discuss about the changes of the current literary world, due to the new technologies of communication, especially the Internet.

Tomemos livremente o romance *Se um viajante numa noite de inverno*, de Italo Calvino, como uma metáfora para as transformações que o mundo literário (e o mundo dos textos, de uma forma geral) vem sofrendo nestes tempos de novas tecnologias de comunicação, especialmente a internet. Embora tenha sido publicado em 1979, quando as redes de computadores ainda não eram abertas ao público em geral, limitando-se a circuitos e usos científicos e militares, o livro é repleto de sugestões interessantes para uma reflexão sobre o tema. Construído engenhosamente como uma espécie de móbil narrativo, o romance conta a história de um leitor e uma leitora que saem à procura do volume completo de um livro defeituoso que haviam começado a ler, e daí à busca de outros livros que, como o primeiro, nunca terminam e têm seus capítulos iniciais intercalados na narrativa principal.

A justaposição desses livros inacabados e dos episódios da trama principal remete à leitura fragmentada e hipertextual dos navegantes da internet, que saltam desordenadamente de um texto a outro, a partir dos links e nós dispersos na rede, em busca de uma sintaxe de leitura que articule sua experiência no universo virtual. O problema dos protagonistas do livro de Calvino é, de certo modo, similar ao do internauta: “hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele se destaca e ao qual remete”, como define Pierre Lévy (1996, 37), no clássico *O que é o virtual?*.

O percurso desses personagens na interminável busca pela continuação coerente de suas leituras lembra também imagens borgeanas como o labirinto, a biblioteca de Babel e o livro de areia, que podem ser retomadas hoje para pensar na intensificação do desenraizamento moderno e no fim das grandes narrativas e sistemas de interpretação do mundo, identificados na sociedade contemporânea pelos teóricos da pós-modernidade. Neste caótico universo-biblioteca, os sujeitos teriam sido deixados à deriva, sem referências tranquilizadoras, perdidos numa hiper-realidade constituída unicamente por signos que já não possuem mais valor de uso, mas apenas valor de troca, conforme a teoria do simulacro e da “revolução estrutural do valor”, de Jean Baudrillard (1996, 15-18).

Essa possibilidade de interpretação do mundo contemporâneo é claramente posta em jogo no livro de Calvino por meio das peripécias, dos obstáculos e do recorrente fracasso dos protagonistas em sua busca. Falsificações, traduções infieis, circulação de textos apócrifos, contrabando de cópias e originais; tudo parece conspirar para que leitor e leitora nunca atinjam seu objetivo de encontrar descanso e paz na fruição de um livro que se complete. É fácil encontrar aí um paralelo com a proliferação de referências e a impossibilidade de aferição da autenticidade na internet, assim como com a moda dos universos e comunidades virtuais (como Second Life, Orkut, Facebook, Flickr, Myspace etc.), em que já não é mais possível diferenciar o que é real e o que é falso. Atualizando gêneros tradicionais como o diário e a confissão, os blogs e perfis virtuais incorporam livremente a ficcionalidade, sob o alibi da comunicação não-presencial, degenerando em avatares e fakes – alter egos e perfis pessoais simulados que funcionam como máscaras e permitem trânsitos e discursos que não poderiam ser assumidos abertamente pelos sujeitos. O temor de uma sociedade pervertida pela mistificação ficcional teria encontrado, em nossa República virtual, sua realização mais completa.

No campo da literatura, assim como em muitos outros, esse panorama leva fatalmente à questão da autoria, considerada por Foucault como princípio de controle da produção e circulação dos textos. Nos dias de hoje, esse princípio vem sendo amplamente ameaçado pelas infinitas possibilidades de recorte e reprodução oferecidas pelas mais diversas tecnologias, assim como pela dinâmica desregulada de circulação dos textos no universo virtual. Por suas conseqüências na acumulação de valores econômicos e simbólicos, esse processo vem provocando mudanças importantes, como o surgimento das

Creative Commons e os movimentos ainda tímidos de reposicionamento estratégico da indústria editorial, diante da perigosa ameaça do fim do livro.

De uma perspectiva mais otimista, podemos pensar no percurso dos protagonistas do livro de Calvino como uma figuração de uma cultura rizomática, desprovida de centro e origem, e por isso menos submetida aos poderes historicamente associados a essas noções. Desenharia-se, então, um panorama no qual diferentes sujeitos e grupos sociais estariam em melhores condições de competir pelos valores e capitais simbólicos, através da articulação em rede de múltiplas comunidades e circuitos de comunicação, como efetivamente vem acontecendo por meio da internet. Desse modo, estariam sendo minadas as bases de sustentação dos antigos grupos de decisão, em favor da multipolaridade e de uma maior capilarização dos saberes e poderes na sociedade. A internet, então, seria um instrumento de democratização da cultura e da literatura, não só por ampliar os canais de acesso através das bibliotecas e museus virtuais, mas também por possibilitar a articulação de redes de leitura e comunidades interpretativas desterritorializadas e menos submetidas à lógica predominantemente econômica do mercado cultural.

Com efeito, é na chamada “vida literária” que têm sido verificadas as transformações mais evidentes, com a multiplicação e a descentralização dos mecanismos e instâncias de circulação dos textos e legitimação do valor. A internet possibilitou o surgimento de uma enorme quantidade de sites, revistas virtuais e blogs dedicados à literatura e à crítica literária, que subsistem com uma dependência muito menor de recursos econômicos. Além disso, a rede vem sendo amplamente utilizada para a promoção de “baladas” e competições literárias (cf. www.copadeliteratura.com), assim como para a inserção dos autores em um novo tipo de *star system*, com um funcionamento menos dependente da grande mídia.

No romance de Italo Calvino, a busca pela continuação dos livros interrompidos é empreendida por dois personagens que dão margem a curiosos jogos de linguagem, com a utilização dos pronomes pessoais para simular uma conversa com o leitor. Realizando de maneira engenhosa o conceito de leitor-modelo (o leitor ideal projetado pela obra; cf. ECO, 1994, 7-31), os dois protagonistas são construídos de forma a induzir os leitores reais (ou empíricos) à identificação, buscando confundir parcialmente as duas instâncias. Inaugurando esse procedimento, o livro começa assim: “Você vai começar a ler o novo

romance de Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*. Relaxe. Concentre-se. Afaste todos os outros pensamentos...”. Convocando de modo original a participação dos leitores no jogo do texto, esse curioso artifício sugere outro tema importante para a reflexão sobre a relação entre a literatura e as novas tecnologias: a interatividade. No universo hipertextual, como afirma Pierre Lévy, “a escrita e a leitura trocam seus papéis”, pois:

Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras de sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados à estrutura mesma do *corpus*. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita. (LÉVY, 1996, 46)

O tema evidentemente não é novo e já foi antecipado por inúmeras obras, como o poema “Um lance de dados”, de Mallarmé, e o romance *O jogo da amarelinha*, de Julio Cortázar, que incorporam de modo explícito a interatividade às suas estruturas composicionais. Foi também estudado exaustivamente pelos teóricos que se preocuparam com a questão da recepção dos textos literários e obras de arte em geral, de modo que há hoje um amplo consenso quanto ao fato de que o texto solicita a participação do leitor, induzindo-o a completar o sentido com base em suas próprias referências, experiências e desejos.

Mas este é um aspecto em que as novas tecnologias realmente apresentam uma novidade em relação à cultura letrada e aos meios massivos, pois seus mecanismos multiplicam de forma inédita as possibilidades de o leitor responder aos estímulos que recebe da máquina. Essas respostas realimentam o sistema, que as reabsorve como novas informações, transformando-as em novos estímulos, organizados em nós que compõem uma arquitetura rizomática e permitem aos usuários uma maior liberdade de escolha. De uma lógica verticalizada e unidirecional, típica do funcionamento dos meios massivos e mesmo da cultura letrada, passamos a uma lógica de mais horizontal e multi-direcional, que incorpora estruturalmente a multiplicidade e a reciprocidade.

Outra possibilidade aberta pelo caráter interativo da web é a construção de redes coletivas de inteligência, pela livre adesão dos usuários a processos compartilhados de produção do conhecimento, como no caso do desenvolvimento dos softwares livres. No

campo literário, essa possibilidade já começa timidamente a se concretizar, em experiências de escrita coletiva e na chamada “hiperficção”, um tipo de narrativa na qual o leitor deve fazer opções que o levam a diferentes desfechos da história, como num “jardim de caminhos que se bifurcam”. Mas é interessante lembrar que essas experiências não são de todo novas e foram antecipadas, por exemplo, pelos cadáveres delicados (uma forma de escrita coletiva praticada pelos surrealistas) e pelas pesquisas de opinião, que já há algum tempo interferem no desenvolvimento dos enredos das telenovelas.

Em um artigo intitulado “Quem tem medo da tecnologia?”, Heloisa Buarque de Hollanda (s.d.) reflete sobre o impacto das novas mídias e aparatos tecnológicos na cultura do livro, recusando logo de saída o tom apocalíptico que por vezes toma conta da discussão. Apoiando-se em uma observação de Foucault sobre a invenção da chaminé e sua importância na configuração do espaço doméstico, ela afirma que “uma nova tecnologia sempre é criada em função de profundas transformações socioculturais já em curso e das novas necessidades geradas por estas próprias transformações”. Desse modo, a autora nos adverte quanto às avaliações precipitadas e previsões pessimistas sobre o tema, que manifestam um “pânico beletrístico” e inspiram “posições tecnofóbicas que tendem a bloquear a compreensão dos fenômenos emergentes”. O próprio fim do livro não lhe parece ser uma ameaça tão iminente, pois “uma vez liberado de sua responsabilidade social enquanto veículo na transmissão da informação e da referência”, ele poderá “potencializar positivamente as enormes perspectivas abertas para a criatividade editorial”. Esse processo, aliás, parece já estar em curso, pois assistimos a uma proliferação de edições luxuosas, dedicadas a um consumo fetichista, o que nos leva de volta ao livro de Calvino, que começa justamente com a relação de sedução entre livro e leitor, no momento da compra que irá desencadear os acontecimentos.

Após inúmeras peripécias sempre frustradas na busca da complementação dos livros inacabados, a narrativa termina com a união amorosa entre os dois protagonistas. Deitado em um “grande leito matrimonial” compartilhado com sua companheira leitora, o leitor consegue finalmente concluir o último capítulo do novo livro de Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*. O desfecho, portanto, sugere a possibilidade da completude, do encontro, da vida em comunidade e, conseqüentemente, da manutenção ou recuperação do valor de uso da literatura. A leitura seqüencial dos títulos dos romances

inacabados, por sua vez, forma um único e longo período, que soa quase como um poema. Da união amorosa dos protagonistas, passamos à descoberta de um sentido, de uma distribuição que consegue organizar os signos antes dispersos. Mas esse longo período termina sugestivamente com uma pergunta:

Se um viajante numa noite de inverno, fora do povoado de Malbork, debruçando-se na borda da costa escarpada, sem temer o vento e a vertigem, olha para baixo onde a sombra se adensa, numa rede de linhas que se entrelaçam, numa rede de linhas que se entrecruzam, no tapete de folhas iluminadas pela lua, ao redor de uma cova vazia, que história espera seu fim lá embaixo? (CALVINO, 1999, 261)

Esta leitura do romance de Italo Calvino como metáfora das relações entre a literatura e as novas tecnologias no mundo contemporâneo pode, então, terminar repetindo a forma aberta e inconclusa dessa pergunta e concordando com mais uma clássica definição de Pierre Lévy. O destino da literatura no mundo tecnológico configura-se, como a própria idéia do virtual formulada por esse autor, como um “complexo problemático”, um “nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama por um processo de resolução” (LÉVY, 1996, 16). Se não sabemos ainda “que história espera seu fim lá embaixo”, é porque teremos, nós mesmos, que escrevê-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de Hollanda. “Quem tem medo da tecnologia?”. S/d. Disponível em <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=621&cat=3>
Acesso em 10/12/2010.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

RENA, Alemar. “Corpo, sujeito e experiência: rede telemática, TV e leitura”. *TXT leituras transdisciplinares de telas e textos*, nº 01, jun. 2005.

Disponível em <http://www.revistatxt.teiadetextos.com.br/01/alemar2.htm>

Acesso em 10/12/2010.